

*As mãos sujas, 1948-2019*¹

Homero Santiago*

Em 2 de abril de 1948, quando *As mãos sujas* estrearam no palco do Teatro Antoine, em Paris, o mundo era bem diferente do nosso. É importante marcar essa distância.

Jean-Paul Sartre começava seu reinado intelectual apresentando o existencialismo que se imporia, ao menos na França, como uma espécie de filosofia oficial daqueles tempos. “A existência precede a essência”, apregoava o filósofo, sustentando que todo ser humano existe antes de ser qualquer coisa, portanto sem possuir uma essência que lhe determine previamente um caráter ou um ser particular que ele apenas realizaria ao longo de sua vida; a primazia da existência, inversamente, faz do existir o longo e muitas vezes penoso processo de construção de uma essência para si. Decorre daí uma outra tese existencialista fundamental, a afirmar que estamos condenados à liberdade: cada um tem de inventar a si mesmo, por meio de suas escolhas, de seus atos, e sem desculpas, pois não escolher já é uma forma de escolha, só que temperada com um pouco daquilo que Sartre nomeava “má-fé” e que não é senão a recusa (impossível na prática, embora defendida no plano psicológico) de sua própria liberdade.

No campo político, tendo a Segunda Guerra Mundial acabado havia pouquíssimo tempo, suas consequências ainda eram sofridas: solavancos nos alicerces da vida social, processos contra os “crimes de guerra” e desnazificação, a paulatina e violenta partilha do planeta em zonas de influência norte-americana ou soviética como estipulado na conferência de Ialta que reuniu os então “aliados” vencedores do conflito. Preparava-se a guerra fria e o mundo já se encontrava como que dividido entre “o diabo e o bom Deus” (título de outra peça de Sartre), ficando ao gosto do freguês escolher quem exerceria cada papel, ou o capitalismo ou o comunismo.

¹ Esta é uma versão revisada do texto incluído no caderno preparado quando da encenação d’*As mãos sujas* pelo Teatro de Narradores, sob direção de José Fernando Peixoto de Azevedo, entre 10 e 24 de novembro de 2019, no Sesc-Ipiranga, em São Paulo. Pareceu-nos oportuno republicar aqui o texto, ao lado de excertos da peça de Sartre, na medida em que narra um processo de tradução bastante peculiar, desde o início orientado para a realização dramática, ou seja, realizada e aprimorada sempre com vista a um texto, por assim dizer, encenável e que “falasse” ao público; por isso mesmo, o resultado literário foi inúmeras vezes repassado e corrigido em diálogo com os atores.

* Professor do Departamento de Filosofia da USP.

É nesse momento que *As mãos sujas* aparecem com grande sucesso e conquistam uma crítica muito positiva e geram acalorados debates; a peça consagra seu autor como dramaturgo e a partir daí ocupam um lugar de honra no que se costuma denominar o “teatro de situações” sartriano. Filosofia e política se conciliam perfeitamente no interior de uma peça que mobiliza para tanto o melhor do teatro: uma estrutura firme e clara ritma agradavelmente o enredo calibrando o suspense, o farsesco, assuntos ridículos e temas sérios; personagens que se sustentam psicologicamente encarnam posicionamentos políticos sem que isso suprima uma face humana, ora risível ora pesada; diálogos vigorosos exprimem as ideias sem apelo ao palavrório vazio. A chave dessa armação é o problema do engajamento político e as diferentes maneiras de efetivá-lo, especialmente quando se trata de dar novo rumo aos acontecimentos com vistas a transformar o real. O teor político da filosofia sartriana é imediato: condenados à liberdade, cada escolha que fazemos (e inexistente a possibilidade da não escolha) serve não apenas à construção de nós mesmos como do mundo tal como pensamos que deva ser; cada escolha individual, por mínima que seja, acarreta consequências diretas ou indiretas para os outros. Logo, engajar-se com eficácia e, por assim dizer, estar do lado certo, afigura-se um problema crucial. *As mãos sujas* desdobram esse dilema esboçando uma “situação” (trata-se efetivamente de “teatro de situações”) muito precisa que dá concretude e vivacidade ao tenaz problema teórico.

Durante o conflito mundial, um dado país, a Ilíria, alinha-se aos nazistas e mantém no poder um regente títere. A alternativa colaboracionista é combatida pela resistência interna, tanto do partido liberal quanto dos comunistas. No momento em que fica claro que a Alemanha sairá derrotada e que o exército soviético entrará no país, começa uma negociação entre as partes, cada uma defendendo a sua posição. No caso específico dos comunistas, as opiniões dividem-se: há os que pensam que a chegada do exército vermelho é a senha para a revolução e conseqüente vitória sobre os adversários políticos; de outro lado, estão os que acham que mais vale primeiramente um pacto de divisão do poder a fim de preparar, para um segundo momento, a passada revolucionária, só depois do paulatino enfraquecimento dos oponentes. As variantes são inúmeras, mas podemos resumir as alternativas em jogo da seguinte maneira: uma cartada estratégica que pretende, graças à crença na correção e pureza dos próprios princípios, acelerar os acontecimentos e tomar o poder, ou então uma manobra tática que, trabalhando no ritmo dos acontecimentos, posterga a vitória no intuito de evitar que ela se torne apenas uma aventura fracassada. Quando o comitê central do partido comunista pende para a proposta de acordo, a franja minoritária que pressente a derrota decide que o melhor é dar cabo daquele que encabeça a tese da negociação, Hoederer, e confia essa tarefa a um jovem intelectual, Hugo. A embrulhada que aí começa constitui o enredo da peça.

*

Faz mais de dez anos que José Fernando Peixoto de Azevedo propôs-me verter ao português *As mãos sujas*, no âmbito de um projeto de pesquisa coletiva realizado pela Companhia Teatro de Narradores e que incluía ainda como eixos de trabalho, ao lado de Sartre, Glauber Rocha e Pier Paolo Pasolini.

Não que o texto jamais tivesse falado nossa língua. Pelo contrário, já no comecinho da década de 1960 publicou-se em Portugal, pelas Edições Europa-América, uma tradução devida a António Coimbra Martins (1927-2021), que além de ter participado das células fundadoras do Partido Socialista Português ainda sob a ditadura de Salazar e servido como diplomata do governo instalado após a Revolução dos Cravos, foi um aplicado tradutor de Sartre, tendo vertido a nosso idioma também outros textos do filósofo. Por que então uma nova tradução? O natural acento luso daquele trabalho inúmeras vezes reeditado não justificava inteiramente a empreitada, visto que poderia ser abrandado com uns poucos ajustes. Ocorre que a tradução de Coimbra Martins, muito correta e elegante, fornecia um texto essencialmente literário, isto é, para ser lido, e não um texto concebido para ser falado e ouvido no curso de um espetáculo. Já o que desejavam os Narradores era um texto “de teatro” que, mais do que apenas exprimir-se com o sotaque nosso, tivesse também um ritmo agradável aos ouvidos e respeitasse a linguagem profundamente teatral de Sartre, que faz do jeito, ou antes, dos jeitos de falar provenientes da boca de cada personagem um poderoso recurso cênico.

Assim, o objetivo primordial da tradução foi restituir em português um texto não apenas fiel ao sentido que se acopla à letra quanto àquele que se exprime pelo tom das falas, pela escolha dos termos, no limite pela construção das frases. A língua d’*As mãos sujas* não é certamente a língua de todo dia (difícil pensar um homem de letras nato e amante do teatro clássico, como era Sartre, permitindo-se saltar, e por conseguinte menosprezar, a distância entre a língua falada e a língua escrita, o que vez por outra se faz em nome de uma informalidade cuja valia é duvidosa), porém tampouco é a língua dos livros filosóficos ou biográficos do autor, tomando especial distância daquela beleza lapidar que ele alcança em sua autobiografia, *As palavras*. Melhor do que dizer que se trata de um meio-termo, trata-se de uma língua por assim dizer neutra, no sentido de que dotada de uma plasticidade capaz de, sem se impor sobre os personagens, adaptar-se perfeitamente a cada um servindo para construir e exprimir o seu caráter: o alambicamento de Hugo e sua fissura em termos livrescos (“objetivamente”) ou tirados da burocracia partidária (“social-traidor”) denunciam o intelectual arvorado em certezas e atravessado por um agudo desejo de pureza; a aspereza das frases de Olga, curtas e precisas, imunes aos rodeios, é típica da militante que faz a vida girar em torno das tarefas partidárias e concebe cada ato como reflexo de uma votação do comitê central; o discurso de Hoederer, possua embora este suas convicções, como Hugo, e viva para o partido, como Olga, manifesta uma qualidade política de outro naipe, própria daquele que sabe arrostar os fatos buscando compreendê-los para fazê-los tornar ao seu favor: o político dotado, para o bem e para o mal, de uma virtude similar àquela do príncipe de Maquiavel; os guarda-costas falam de outra forma, os liberais de outra, e assim por diante. E não só isso. Os jogos e embates que se armam entre esses diversos jeitos de falar (resultantes das acomodações da neutra ou plástica língua sartriana ao caráter de cada personagem) revelam-se de grande importância para a construção dramática. Bastaria dizer que os embates entre Hugo e Hoederer ganham particular força vistos, ou melhor, ouvidos dessa perspectiva. Nada o ilustra tão bem esse mecanismo linguístico-cênico quanto a montagem da tensa relação entre Jéssica e Hoederer que percorre a peça: os encontros e desencontros, a crescente tensão que se inclina ora para a aversão ora para a atração, deixam-se apreender

perfeitamente pelo vai-e-vem no uso dos pronomes de tratamento franceses, o formal *vous* e o informal *tu*. Como comunistas, todos devem se tratar por *tu*, avisa Hoederer logo de início; Jéssica concorda; à medida que muda seu sentimento com relação a Hoederer, porém, ela reintroduz o *vous*, até que por fim se estabeleça uma situação de marcada dissimetria pronominal que reproduz no plano da linguagem um aspecto do núcleo dramático do enredo que é fundamental para o seu desenlace. Ora, aí fica nítida a necessidade de um texto “de teatro” e, não só isso, de um texto que fale brasileiro, a fim de dar conta desse aspecto. Se se tratasse de um escrito de outro gênero, um romance ou um tratado filosófico, por exemplo, poder-se-ia adotar sem maior prejuízo a solução do tradutor português, pensada para ser lida e que lhe ocorreria naturalmente, tendo em vista o uso lusitano, simplesmente servindo-nos dos vernaculares “vós” e “tu”. Nem preciso insistir muito que para nós, e penso nos falantes de português deste quinhão do planeta, com raras exceções regionais, o efeito desejado por Sartre com o quiproquó pronominal se perderia na transposição “vós” e “tu”. Daí a necessidade de, perdendo algo da literalidade, enfatizar o sentido da relação por meio de nossos corriqueiros “você” e “o senhor”, que não só marcam para nós a distinção entre o informal e o formal como guardam nuances que vão da relação parental (embora me pareça um pouco desusado, não faltam famílias em que os pais gostam de ser chamados de “senhores” e tratam os filhos de “você”), passam pelo estabelecimento de respeito (soa normal dirigir um “senhor” ou “senhora” a uma pessoa mais velha ou distante) e alcançam a rudeza da submissão hierárquica pura e simples (o mais velho empregado é “você”, o mais jovem patrão é “senhor”).

Dadas essas circunstâncias, é fácil imaginar o quanto aquele convite para traduzir a peça de Sartre, aceito com uma prontidão que só se explicava ela imprevisão dos percalços, logo tornou-se um grande desafio, pois que jamais me havia aventurado seriamente pela tradução literária e muito menos pela teatral. Seja como for, a verdade é que justamente essas dificuldades e o esforço de dar conta delas acabaram por determinar uma pequena originalidade desta nova tradução d’*As mãos sujas* em face daquela lusa e, arriscaria dizer, relativamente a outras, noutros idiomas, que ao longo do processo foram consultadas: trata-se de um texto desde o início concebido para o palco, e cujo burilamento realizou-se mediante um processo que com justiça pode ser entendido como coletivo. Após uma versão inicial mais ou menos decente e considerada correta, o texto foi todo ele repassado junto à trupe dos Narradores, trechos foram inúmeras vezes repetidos e emendados, soluções foram pensadas para que certas referências não soassem ao público incompreensíveis ou deslocadas; com frequência nos exercitamos na pergunta: como se diz isso em português? como dar a mesma sensação do original? No bojo daquele projeto de trabalho dos Narradores acima mencionado, algumas leituras dramáticas públicas foram realizadas, especialmente em junho de 2013 (que coincidência!) no Sesc-Belenzinho, em São Paulo. Para a encenação de 2019, o texto foi mais uma vez inteiramente repassado, segundo os mesmos procedimentos de antes.

É natural perguntar por que uma companhia teatral retoma uma peça antiga, às vezes até datada, como à primeira vista é o caso de *As mãos sujas*: qual sugerido, o mundo em que foi produzida não é mais o nosso, as questões que a animam talvez já não nos apaixonem como antes. Foi a questão que me pus tão logo os Narradores me propuseram a tarefa de tradução.

Tomemos por termo de comparação o caso do tradutor português. Não é difícil entender o seu interesse pela peça ao início da década de 1960. O mundo dele era o da peça; e podemos exercitar a imaginação em busca de suas razões: socialista, resistente à ditadura de Salazar, muitos de seus dilemas, compartilhados por toda uma geração portuguesa (resistência armada ou pactuação ou exílio?), ecoavam os de Hugo ou de Hoederer. Mas por que *As mãos sujas* no Brasil por volta de 2009 (início do trabalho), em 2013 (apresentação concomitante às célebres e ainda enigmáticas “jornadas”) e em 2019? Nosso mundo, reitero, parece pouco ter a ver com aquilo que consagrou a peça, ou pelo menos os temas que obsedaram a recepção primeira: a luta entre o bem e o mal, entre o certo e o errado, entre uma política realista e uma política dos princípios; para resumir: Hugo ou Hoederer.

Confesso que não saberia responder, e acho que nem o espectador queira uma resposta. É bem possível que a grandeza de uma peça e o valor de uma montagem, para falarmos só do caso que nos concerne aqui, advenha mais das interrogações que levantam do que pelas respostas cristalinas que forneçam. Para um teatro de situações como o sartriano, isso é constrangedoramente verdadeiro: se estamos condenados à liberdade, se precisamos construir-nos a cada escolha, se não somos aquilo que fizeram de nós, mas o que fazemos com o que fizeram de nós, como afirma o filósofo, seria despropositado pedir a seu teatro que nos entregasse receitas para cada impasse. Pelo contrário, *As mãos sujas* devem ser apreciadas à guisa de convite e oportunidade à reflexão e à interrogação. E nesse sentido a inatualidade nem chega a ser um mau começo, já que obriga o espectador a assumir certo distanciamento que, longe de constituir um defeito, pode servir de trampolim para os questionamentos mais pertinentes. Como Sartre, aliás, certamente desejava. Para um espectador de 1948 era transparente o fato de que muitos aspectos da peça remetiam à situação francesa do conflito mundial que havia pouco se encerrara, especialmente ao colaboracionismo e ao problema de como situar-se em face de uma nova correlação de forças: manter-se puro e isolar-se ou aderir ao movimento das forças políticas e tentar guiá-las? Forçando um pouco na simplificação: o ideal ou o real? Ainda assim, Sartre escolhe ambientar seu enredo num imaginário país denominado Ilíria. Não é que ele pretendesse armar um laboratório sobre o palco e esperar que o público o acompanhasse impassível. Esse amante do teatro de Jean Racine sabia que isso era tão impossível quanto indesejável. “Vamos permanecer impassíveis em nossas poltronas, enquanto gritam, torturam e se matam sobre o palco?”, pergunta num breve ensaio intitulado “Brecht e os clássicos”, para logo responder: “Não, visto que tais assassinos, vítimas, carrascos não são outros senão nós.” Seremos cada um de nós Hugo ou Hoederer, Olga ou Jessica? Aqui o andor precisa ir devagar. Se fossem exatamente esse o caso, *As mãos sujas* talvez não fosse além de um daqueles filmes policiais cujo uso eficiente dos recursos permitem um cúmulo de identificação, tal \que o espectador a certo momento se pega querendo avisar a vítima do

crime iminente: “Sai daí! fuge!”. Nada disso. A proximidade, e portanto o engajamento com a peça buscado por Sartre, passa menos pelo reconhecimento de si num ou noutro personagem do que pelo despertar de uma reflexão pautada justamente pela distância que a peça estabelece entre nós e nós mesmos, a nossa inquietante situação no mundo. “Também Racine falava de seus contemporâneos e a ele próprio. Mas tomava o cuidado de deixar que fossem vistos na extremidade maior do binóculo. No prefácio de *Bajazet*, desculpa-se por ter levado ao palco uma história recente: ‘Os personagens trágicos devem ser olhados com um outro olho que não aquele com o qual nós ordinariamente olhamos os personagens vistos tão de perto. Pode-se dizer que o respeito que se tem pelo herói aumenta na medida em que se distancia de nós... O distanciamento dos países repara, de certo modo, a proximidade demasiado grande do tempo’.”⁶

É esse “distanciamento” brechtiano ou raciniano que Sartre concebe como fundamento da compreensão que pode ser ativada pelo teatro. O francês de 1948 se media pela Ilíria. No interior desse mesmo jogo, como nos medimos nós em face de Hugo, Hoederer, Jéssica, Olga, e a situação em que estamos metidos? É certo que os impasses deles não são os nossos; de qualquer modo, não será precisamente a distância (eles definitivamente não falam de nós) capaz de nos despertar para os nossos próprios dilemas, em especial aquelas ambiguidades que, no campo político, parecem decorrer do persistente embate entre mãos limpas e mãos sujas, bem como seus incontornáveis desdobramentos cômico-dramáticos? Difícil, impossível responder. Mas tampouco toca à peça fazê-lo. A função de uma encenação d’*As mãos sujas* em 2019 não é, de forma alguma, dar respostas às dúvidas que nos acossam. Se tiver um mérito, este estará em, teatralmente, distanciar-nos de nossa situação para que possamos, *nós*, melhor enxergar a nossa situação e sobre ela pensar.

² Sartre, “Brecht e os clássicos”, trad. de Silvio Rosa Filho, *Dissenso. Revista de estudantes de filosofia*, nº 2, 1999, p. 156

Apresentação da tradução

Homero Santiago

Oferecemos ao leitor um extrato da referida tradução d'*As mãos sujas*: a completude do quinto ato (lembrando que no todo a peça possui sete atos). A edição de base para a tradução foi: *Les mains sales, Théâtre complet*, Bibliothèque de la Pléiade, Paris, Gallimard, 2005.

Recordemos brevemente o contexto. Hugo está na casa de Hoederer, onde serve como seu secretário e planeja matá-lo; incapaz de efetivar o ato, ele o posterga indefinidamente, a tal ponto que os camaradas que lhe confiaram a tarefa passam a desconfiar que seja um traidor; ocorre uma reunião entre Hoederer e os liberais e monarquista, visando um acordo, e Hugo, bêbado, revolta-se com as tratativas e a interrompe; uma atentado a bomba é feito contra os presentes, suspendendo o encontro. O quinto ato se inicia com a visita furtiva de Olga, responsável pelo atentado, ao aposento de Hugo, onde este sofre de forte ressaca e é cuidado por Jéssica, sua esposa.

As mãos sujas (quinto ato)

Jean-Paul Sartre

Tradução de Homero Santiago

No pavilhão.

Hugo está estendido em sua cama, todo vestido, debaixo de uma coberta. Ele dorme. Agita-se e geme em seu sono. Jéssica está sentada à cabeceira, imóvel. Ele continua gemendo; ela se levanta e vai ao banheiro. Ouve-se a água que escorre, Olga está escondida atrás das cortinas da janela. Ela afasta as cortinas, passa a cabeça. Decide-se e se aproxima de Hugo. Olha-o. Hugo geme. Olga lhe endireita a cabeça e arruma o travesseiro. Jéssica volta nesse meio-tempo e vê a cena. Jéssica segura uma compressa úmida.

CENA I

HUGO, JÉSSICA, depois OLGA

JÉSSICA

Que solicitude! Bom noite, senhora.

OLGA

Não grite. Sou...

JÉSSICA

Não tenho vontade de gritar. Sente-se, então. Tenho antes é vontade de rir.

OLGA

Sou Olga Lorame.

JÉSSICA

Eu suspeitava.

OLGA

O Hugo lhe falou de mim?

JÉSSICA

Falou.

OLGA

Ele está ferido?

JÉSSICA

Não; está bêbado. (Passando à frente de Olga.) A senhora me permite?

Ela põe a compressa sobre a testa de Hugo.

OLGA

Desse jeito não.

Ela arruma a compressa.

JÉSSICA

Desculpe-me.

OLGA

E o Hoederer?

JÉSSICA

O Hoederer? Mas sente-se, por favor. (Olga se senta.) Foi a senhora que lançou a bomba?

OLGA

Foi.

JÉSSICA

Ninguém morreu; terá mais sorte uma outra vez. Como entrou aqui?

OLGA

Pela porta. A senhora deixou aberta quando saiu. Nunca se deve deixar as portas abertas.

JÉSSICA, apontando Hugo.

Sabia que ele estava no escritório?

OLGA

Não.

JÉSSICA

Mas sabia que ele podia estar lá?

OLGA

Era um risco a correr.

JÉSSICA

Com um pouco de sorte, o teria matado.

OLGA

É o que de melhor podia acontecer a ele.

JÉSSICA

Verdade?

OLGA

O Partido não gosta muito dos traidores.

JÉSSICA

O Hugo não é um traidor.

OLGA

Eu acredito. Mas não posso forçar os outros a acreditar. (Um tempo.) Esse caso está se arrastando; há uma semana que devia ter terminado.

JÉSSICA

É preciso achar uma oportunidade.

OLGA

A gente faz surgir as oportunidades.

JÉSSICA

Foi o Partido que a mandou?

OLGA

O Partido não sabe que estou aqui; vim por conta própria.

JÉSSICA

Estou vendo: pôs uma bomba em sua bolsa e veio gentilmente atirá-la sobre o Hugo para salvar a reputação dele.

OLGA

Se eu tivesse conseguido pensariam que ele se fizera ir pelos ares com o Hoederer.

JÉSSICA

É, mas ele estaria morto.

OLGA

De qualquer forma, ele precisa aceitar os fatos; agora, não há mais muitas chances de se safar.

JÉSSICA

A senhora tem uma amizade exigente.

OLGA

Certamente mais exigente que a senhora no amor. (Elas se olham.) Foi a senhora que o impediu de fazer o trabalho dele?

JÉSSICA

Eu não impedi nada.

OLGA

Mas também não ajudou.

JÉSSICA

Por que eu teria ajudado? Por acaso ele me consultou antes de entrar no Partido? E quando decidi que não tinha nada de melhor para fazer da vida que ir assassinar um desconhecido, por acaso me consultou?

OLGA

Por que a teria consultado? Que conselho a senhora podia ter dado a ele?

JÉSSICA

Evidente.

OLGA

Ele escolheu esse Partido; pediu essa missão; devia ser suficiente para senhora.

JÉSSICA

Para mim não é suficiente.

Hugo geme.

OLGA

Ele não está bem. Não devia tê-lo deixado beber.

JÉSSICA

Ele estaria ainda pior se tivesse recebido um estilhaço de sua bomba no rosto. (Um tempo.) Que pena que ele não tenha se casado com a senhora; é uma mulher de cabeça, o que ele precisa. Ele ficaria em seu quarto passando suas combinações enquanto a senhora iria atirar granadas nos cruzamentos e teríamos todos sido muito felizes. (Ela a olha.) Eu a imaginava grande e ossuda.

OLGA

Com bigodes?

JÉSSICA

Sem bigodes, mas com uma verruga sob o nariz. Ele tinha sempre um jeito tão importante quando saía de sua casa. Dizia: “Nós falamos de política.”

OLGA

Com a senhora, naturalmente, ele nunca falava disso.

JÉSSICA

A senhora bem sabe que ele não se casou comigo por isso. (Um tempo.) A senhora o ama, não é?

OLGA

O que o amor tem a ver com isso? A senhora lê romances demais.

JÉSSICA

É preciso se ocupar quando não se faz política.

OLGA

Fique tranquila; o amor não costuma perseguir muito as mulheres de cabeça.
Não sentimos isso.

JÉSSICA

Enquanto eu, eu sinto?

OLGA

Como todas as mulheres de coração.

JÉSSICA

É, uma mulher de coração. Prefiro meu coração que a sua cabeça.

OLGA

Pobre Hugo!

JÉSSICA

É. Pobre Hugo! Como a senhora deve me detestar.

OLGA

Eu? Não tenho tempo a perder. (Um silêncio.) Acorde-o. Tenho que falar com ele.

JÉSSICA, aproxima-se da cama e chacoalha Hugo.

Hugo, Hugo! Você tem visitas.

HUGO

Hem! (Ele se endireita.) Olga! Olga, você veio! Fico contente que você esteja aqui, precisa me ajudar. (Ele se senta à beirada da cama.) Santo Deus, que dor de cabeça. Onde estamos? Fico contente que você tenha vindo, você sabe. Espere;

aconteceu algo, um grande aborrecimento. Você não pode mais me ajudar. Agora, não pode mais me ajudar. Você lançou o petardo, não foi?

OLGA

Fui eu.

HUGO

Por que vocês não confiaram em mim?

OLGA

Hugo, daqui a quinze minutos, um camarada vai atirar uma corda por cima do muro e eu terei de ir embora. Tenho pressa e é necessário que você me escute.

HUGO

Por que vocês não confiaram em mim?

OLGA

Jéssica, me dê esse copo e essa garrafa.

Jéssica lhe dá. Ela enche o copo e atira a água no rosto de Hugo.

HUGO

Pfu!

OLGA

Está me escutando?

HUGO

Estou. (Ele se enxuga.) O que aconteceu com minha cabeça?! Sobrou água na garrafa?

JÉSSICA

Sim.

HUGO

Me dá um pouco para beber, por favor? (Ela lhe estende o copo e ele bebe.)
Que é que os companheiros estão pensando?

OLGA

Que você é um traidor.

HUGO

Eles pegam pesado.

OLGA

Você não tem mais nenhum dia a perder. O negócio deve ser resolvido antes de amanhã à noite.

HUGO

Você não devia ter lançado o petardo.

OLGA

Hugo, você quis se encarregar de uma tarefa difícil e se encarregou sozinho. Fui a primeira a confiar em você, quando havia mil razões para recusar e comuniquei minha confiança aos outros. Mas não somos escoteiros e o Partido não foi criado para te dar oportunidades de heroísmo. Há um trabalho a fazer e é necessário que seja feito; pouco importa por quem. Se em vinte e quatro horas você não tiver terminado seu serviço, mandaremos alguém para acabá-lo em seu lugar.

HUGO

Se me substituírem, deixarei o Partido.

OLGA

Que é que você imagina? Acha que se pode deixar o Partido? Estamos em guerra, Hugo, e os camaradas não brincam em serviço. Só se deixa o Partido com os pés na frente.

HUGO

Não tenho medo de morrer.

OLGA

Morrer não é nada. Mas morrer de forma besta, depois de ter feito tudo errado; se deixar matar como um dedo-duro, pior ainda, como um pequeno imbecil de que a gente se livra por medo das trapalhadas. Será que é isso que você quer? Será isso que você queria da primeira vez que veio à minha casa, quando parecia tão feliz e tão confiante? Mas diga isso a ele, a senhora. Se o ama um pouco, não pode querer que seja abatido como um cão.

JÉSSICA

A senhora bem sabe que não entendo nada de política.

OLGA

Que é que você decide?

HUGO

Você saberá amanhã.

OLGA

Está bem. Adeus, Hugo.

HUGO

Adeus, Olga.

JÉSSICA

Tchau, senhora.

OLGA

Apague a luz. Não podem me ver sair.

Jéssica apaga. Olga abre a porta e sai.

CENA II

HUGO, JÉSSICA

JÉSSICA

Acendo?

HUGO

Espere. Ela pode ser obrigada a voltar.

Eles esperam no escuro.

JÉSSICA

A gente podia espiar pela janela.

HUGO

Não.

Um silêncio.

JÉSSICA

Você está triste? (Hugo não responde.) Responda, enquanto está escuro.

HUGO

Estou com dor de cabeça, só isso. (Um tempo.) A confiança não é grande coisa, quando não resiste a uma semana de espera.

JÉSSICA

Não é grande coisa, mesmo.

HUGO

E como você quer viver, se ninguém confia em você.

JÉSSICA

Ninguém nunca confiou em mim, você menos que os outros. De todo modo me virei.

HUGO

Era a única que acreditava um pouco em mim.

JÉSSICA

Hugo...

HUGO

A única, você bem sabe. (Um tempo.) Ela deve estar em segurança agora. Acho que podemos acender a luz. (Ele acende, Jéssica se vira bruscamente.) Que foi?

JÉSSICA

Me incomoda te ver à luz.

HUGO

Quer que eu apague?

JÉSSICA

Não. (Ela vai na direção dele.) Você. Você vai matar um homem.

HUGO

Será que eu sei o que vou fazer?

JÉSSICA

Mostre-me o revólver.

HUGO

Por quê?

JÉSSICA

Quero ver como é feito.

HUGO

Você passeou com ele a tarde toda.

JÉSSICA

Naquele momento, era só um brinquedo.

HUGO, dando-lhe.

Tome cuidado.

JÉSSICA

É. (Ela o olha.) É esquisito.

HUGO

O que é esquisito?

JÉSSICA

Ele me dá medo agora. Pegue de volta. (Um tempo.) Você vai matar um homem.

Hugo põe-se a rir.

JÉSSICA

Por que está rindo?

HUGO

Você agora acredita! Você decidiu acreditar?

JÉSSICA

É

HUGO

Você escolheu bem o momento; ninguém mais acredita. (Um tempo.) Uma semana atrás talvez tivesse ajudado...

JÉSSICA

Não é culpa minha; acredito só no que vejo. Esta manhã ainda, não podia sequer imaginar que ele morresse. (Um tempo.) Entrei no escritório agora há pouco, lá estava o cara que sangrava e vocês estavam todos mortos. O Hoederer era um morto; eu vi isso no semblante dele! Se não for você, mandarão outra pessoa para matá-lo

HUGO

Serei eu. (Um tempo.) O cara que sangrava era sujo, hem?

JÉSSICA

É. Era sujo.

HUGO

O Hoederer também vai sangrar.

JÉSSICA

Cala a boca.

HUGO

Ele ficará estendido no chão com um jeito de idiota e a roupa encharcada de sangue.

JÉSSICA, com uma voz lenta e baixa.

Mas cala a boca então.

HUGO

Ela atirou um petardo contra a parede. Não há de que se orgulhar; ela nem sequer nos via. Qualquer um pode matar se não é obrigado a ver o que está fazendo. Eu é que ia atirar. Eu estava no escritório, os via de frente e ia atirar; ela é que me fez perder a chance.

JÉSSICA

Você ia atirar mesmo?

HUGO

Eu estava com a mão no bolso e o dedo no gatilho.

JÉSSICA

E você ia atirar! Você tem certeza de que teria podido atirar?

HUGO

Eu... eu tinha a sorte de estar em cólera. Naturalmente, ia atirar. Agora tudo precisa recomeçar. (Ele ri.) Você a ouviu; dizem que sou um traidor. Para eles é simples; lá, quando decidem que um homem vai morrer, é como se riscassem um nome de uma lista; é limpo, é elegante. Aqui, a morte é uma serviço. Os matadouros ficam aqui. (Um tempo.) Ele bebe, ele fuma, fala-me do Partido, faz projetos, e eu penso no cadáver que ele será, é obsceno. Você já viu os olhos dele?

JÉSSICA

Já.

HUGO

Já viu como são brilhantes e duros? E vivos?

JÉSSICA

Já.

HUGO

Talvez eu atire nos olhos. A gente mira no peito, sabe, mas a arma se ergue.

JÉSSICA

Eu gosto dos olhos dele.

HUGO, bruscamente.

É abstrato.

JÉSSICA

O quê?

HUGO

Um assassinato, digo que é abstrato. Você aperta o gatilho e depois não compreende mais nada do que acontece. (Um tempo.) Se a gente pudesse atirar virando a cabeça. (Um tempo.) Eu me pergunto por que estou te falando de tudo isso.

JÉSSICA

Eu também me pergunto.

HUGO

Me desculpe. (Um tempo.) Porém, se eu estivesse nessa cama, prestes a bater as botas, de qualquer forma você não me abandonaria?

JÉSSICA

Não.

HUGO

É a mesma coisa; matar, morrer, é a mesma coisa; a gente sempre está sozinho. Ele tem sorte, ele morrerá apenas uma vez. Já eu, faz dez dias que o mato, a cada minuto. (Bruscamente.) Que é que você faria, Jéssica?

JÉSSICA

Como?

HUGO

Escute: se amanhã eu não o tiver matado, preciso desaparecer ou então ir encontrá-los e dizer: façam comigo o que quiserem. Se matar... (Ele esconde um instante seu rosto com a mão.) Que é que é eu devo fazer? O que você faria?

JÉSSICA

Eu? Você está perguntando para mim o que eu faria em seu lugar?

HUGO

A quem você quer que eu pergunte? Não tenho mais ninguém no mundo, só você.

JÉSSICA

É verdade. Você não tem mais ninguém, só eu. Só eu. Pobre Hugo. (Um tempo.) Eu iria encontrar o Hoederer e lhe diria: olha, me mandaram aqui para matá-lo, mas mudei de ideia e quero trabalhar com o senhor.

HUGO

Pobre Jéssica!

JÉSSICA

É impossível?

HUGO

É exatamente o que chamariam trair.

JÉSSICA, tristemente.

Está vendo! Não posso te dizer nada. (Um tempo.) Por que é impossível? Por que ele não tem as mesmas ideias que você?

HUGO

Se quer assim. Porque ele não tem as minhas ideias.

JÉSSICA

E é preciso matar as pessoas que não têm as mesmas ideias que vocês?

HUGO

Às vezes.

JÉSSICA

Mas por que você escolheu as ideias de Luís e de Olga?

HUGO

Porque eram verdadeiras.

JÉSSICA

Mas, Hugo, suponha que você tivesse conhecido o Hoederer no ano passado, em vez do Luís. São as ideias dele que te pareceriam verdadeiras.

HUGO

Você está louca.

JÉSSICA

Por quê?

HUGO

Te ouvindo a gente acharia que todas as opiniões se equivalem e que são contraídas como doenças.

JÉSSICA

Não penso isso; eu... sei lá o que eu penso. Hugo, ele é tão forte, basta ele abrir a boca para que se fique certo de que ele tem razão. E depois, eu achava que ele era sincero e que queria o bem do Partido.

HUGO

O que ele quer, o que ele pensa, não me interessa. O que conta é o que ele faz.

JÉSSICA

Mas...

HUGO

Objetivamente, ele age como um social-traidor.

JÉSSICA, sem compreender.

Objetivamente?

HUGO

É.

JÉSSICA

Ah? (Um tempo.) E ele, se soubesse o que você está preparando, será que ele ia pensar que você é um social-traidor?

HUGO

Eu não sei nada disso.

JÉSSICA

Mas é o que ele ia pensar?

HUGO

O que é que isso mudaria? É, provavelmente.

JÉSSICA

Então, quem tem razão?

HUGO

Eu.

JÉSSICA

Como você sabe?

HUGO

A política é uma ciência. Você pode demonstrar que está na verdade e que os outros se enganam.

JÉSSICA

Nesse caso por que você hesita?

HUGO

Seria demorado demais te explicar.

JÉSSICA

Temos a noite toda.

HUGO

Seriam necessários meses e anos.

JÉSSICA

Ah? (Ela vai até os livros.) E tudo está escrito aqui dentro?

HUGO

Em certo sentido, sim. Basta saber ler.

JÉSSICA

Meu Deus! (Ela pega um livro, abre-o, olha-o fascinada, e o recoloca suspirando.) Meu Deus!

HUGO

Agora, deixe-me. Durma ou faça o que quiser.

JÉSSICA

Que foi? O que eu disse?

HUGO

Nada. Você não disse nada. Eu é que sou o culpado; era uma loucura te pedir ajuda. Seus conselhos vêm de outro mundo.

JÉSSICA

A culpa é de quem? Por que não me ensinaram nada? Por que você não me explicou nada? Você ouviu o que ele disse? Que eu era o seu luxo. Já faz dezenove anos que me instalaram no mundo de homens de vocês com a proibição de encostar nos objetos expostos e vocês me fizeram acreditar que tudo ia muito bem e que eu não tinha de me preocupar com nada, exceto pôr flores nos vasos. Por que vocês mentiram para mim? Por que me deixaram na ignorância, se era para me dizer um belo dia que este mundo está ruindo por todos os lados, que vocês são incapazes e para me obrigar a escolher entre um suicídio e um assassinato. Não quero escolher; não quero que você deixe te matarem, não quero que você o mate. Por que puseram esse fardo sobre meus ombros? Não sei nada das histórias de vocês e lavo minhas mãos. Não sou nem opressor, nem social-traidor, nem revolucionário, não fiz nada, sou inocente de tudo.

HUGO

Não estou te pedindo mais nada, Jéssica.

JÉSSICA

É tarde demais, Hugo; você me meteu nessa história. Agora, eu preciso escolher. Por você e por mim; é minha vida que eu escolho com a sua e eu... Oh! meu Deus! não posso.

HUGO

Está vendo.

Um silêncio. Hugo está sentado na cama, os olhos no vazio. Jéssica se senta perto dele e põe os braços ao redor do pescoço dele.

JÉSSICA

Não diga nada. Não se preocupe comigo. Não falarei com você; não te impedirei de refletir. Mas ficarei aqui. Faz frio de manhã; você ficará contente de ter um pouco de meu calor, já que não tenho mais nada para te dar. Sua cabeça ainda está doendo?

HUGO

Ainda.

JÉSSICA

Coloque-a no meu colo. Sua testa está queimando. (Ela acaricia os cabelos dele.) Pobre cabeça!

HUGO, endireitando-se bruscamente.

Chega!

JÉSSICA, docemente.

Hugo!

HUGO

Você está brincando de mãe de família.

JÉSSICA

Não estou brincando. Não vou brincar nunca mais.

HUGO

Seu corpo é frio e você não tem calor para me dar. Não é difícil se inclinar sobre um homem com um ar maternal e passar a mão nos cabelos dele; toda mocinha sonharia estar em seu lugar. Mas quando eu te tomei em meus braços e te pedi que fosse minha mulher, você não se saiu tão bem.

JÉSSICA

Cala a boca.

HUGO

Por que eu calaria a boca? Você não sabe que nosso amor era uma comédia?

JÉSSICA

O que conta esta noite não é nosso amor; é o que você fará amanhã.

HUGO

Está tudo ligado. Se eu tivesse certeza... (Bruscamente.) Jéssica, olhe para mim. Você pode me dizer que me ama? (Ele a olha. Silêncio.) Veja. Não terei nem mesmo isso.

JÉSSICA

E você, Hugo? Você acha que me ama? (Ele não responde.) Está vendo. (Um tempo. Bruscamente.) Por que você não tenta convencê-lo?

HUGO

Convencê-lo? Quem? O Hoederer?

JÉSSICA

Já que ele está enganado, você deve poder provar a ele.

HUGO

Pense! Ele é esperto demais.

JÉSSICA

Como você sabe que suas ideias são corretas se você não pode demonstrar? Hugo, seria tão bom, você reconciliaria todo mundo, todo mundo ficaria contente, vocês trabalhariam todos juntos. Tente, Hugo, eu te peço. Tente ao menos uma vez antes de matá-lo.

Batem. Hugo se levanta e seus olhos brilham.

HUGO

É Olga. Ela voltou; eu tinha certeza que ela voltaria. Apague a luz e vá abrir.

JÉSSICA

Como você precisa dela.

Ela vai apagar e abre a porta. Hoederer entra. Hugo acende a luz quando a porta é fechada.

CENA III

HUGO, JÉSSICA, HOEDERER

JÉSSICA, reconhecendo Hoederer.

Ha!

HOEDERER

Eu te assustei?

JÉSSICA

Estou nervosa, esta noite. Houve essa bomba...

HOEDERER

Sim. Claro. Vocês têm o hábito de ficar no escuro?

JÉSSICA

Sou obrigada a isso. Meus olhos estão muito cansados.

HOEDERER

Ah! (Um tempo.) Posso me sentar um momento? (Ele se senta na poltrona.)
Não se incomodem comigo.

HUGO

O senhor tem algo a me dizer?

HOEDERER

Não. Não, não. Você me fez rir agora há pouco: você estava vermelho de cólera.

HUGO

Eu...

HOEDERER

Não se desculpe. Eu esperava isso. Eu ficaria inclusive inquieto se você não tivesse protestado. Há muitas coisas que será preciso te explicar. Mas amanhã. Amanhã nos falaremos. Agora, o seu dia acabou. O meu também. Dia esquisito, hem? Por que não penduram gravuras nas paredes? Ficaria menos nu. Há algumas no sótão. Slick as descera para vocês.

JÉSSICA

Como são?

HOEDERER

Tem de tudo. Você poderá escolher.

JÉSSICA

Agradeço ao senhor. Não gosto de gravuras.

HOEDERER

Como quiser. Vocês não têm nada para beber?

JÉSSICA

Não. Sinto muito.

HOEDERER

Que pena! Que pena! O que vocês estavam fazendo antes de eu chegar?

JÉSSICA

Estávamos conversando.

HOEDERER

Então, conversem! Conversem! Não se preocupem comigo. (Ele enche o seu cachimbo e o acende. Um silêncio pesado. Sorri.) É, evidente.

JÉSSICA

Não é muito fácil imaginar que o senhor não está aí.

HOEDERER

Vocês podem muito bem me pôr para fora. (A Hugo.) Você não é obrigado a receber seu chefe quando ele tem suas extravagâncias. (Um tempo.) Nem sei por que vim. Não tinha sono, tentei trabalhar. (Encolhendo os ombros.) Não dá para trabalhar o tempo todo.

JÉSSICA

Não.

HOEDERER

Esse negócio vai acabar...

HUGO, vivamente.

Que negócio?

HOEDERER

O negócio com Karsky. Ele se faz um pouco de rogado, mas isso irá mais rápido do que eu pensava.

HUGO, violentamente.

O senhor...

HOEDERER

Psiu. Amanhã! Amanhã! (Um tempo.) Quando um negócio está prestes a terminar, a gente se sente aliviado. A luz estava acesa há pouco?

JÉSSICA

Estava.

HOEDERER

Eu tinha ido à janela. Com a luz apagada, para não servir de alvo. Vocês viram como a noite está escura e calma? A luz passava pelas frestas da janela de vocês (Um tempo.) Nós vimos a morte de perto.

JÉSSICA

É.

HOEDERER, com um risinho.

De muito perto. (Um tempo.) Eu saí bem devagar do meu quarto. Slick estava dormindo no corredor. No salão, Jorge dormia. Leon dormia no vestibulo. Tive vontade de acordá-lo e depois... Bah! (Um tempo.) Resultado: eu vim. (A Jéssica.) O que há? Você parecia menos intimidada esta tarde.

JÉSSICA

É por causa da aparência que o senhor tem.

HOEDERER

Que aparência?

JÉSSICA

Eu achei que o senhor não precisasse de ninguém.

HOEDERER

Não preciso de ninguém. (Um tempo.) Slick me disse que você estava grávida?

JÉSSICA, vivamente.

Não é verdade.

HUGO

Vejamos, Jéssica, se você disse a Slick, por que esconder de Hoederer?

JÉSSICA

Eu estava zombando de Slick.

HOEDERER, olha-a longamente.

Bem. (Um tempo.) Quando eu era deputado, morava na casa de um garagista. À noite eu ia fumar cachimbo na sala de jantar deles. Havia um rádio, as crianças brincavam... (Um tempo.) Vamos, vou me deitar. Era uma miragem.

JÉSSICA

O que era uma miragem?

HOEDERER, com um gesto.

Tudo isso. Vocês também. É preciso trabalhar, é tudo o que dá para fazer. Você telefonará para vilarejo, para que o marceneiro venha consertar a janela do escritório. (Ele o olha.) Você tem um ar acabado. Parece que se embebedou? Durma esta noite. Não tem necessidade de vir antes das nove horas.

Ele se levanta. Hugo dá um passo. Jéssica se lança entre eles.

JÉSSICA

Hugo, é o momento.

HUGO

O quê?

JÉSSICA

Você me prometeu convencê-lo.

HOEDERER

Convencer-me?

HUGO

Cala a boca.

Ele tenta afastá-la. Ela põe-se na frente dele.

JÉSSICA

Ele não concorda com o senhor.

HOEDERER, gracejando.

Já percebi.

JÉSSICA

Ele queria explicar ao senhor.

HOEDERER

Amanhã! Amanhã!

JÉSSICA

Amanhã será tarde demais.

HOEDERER

Por quê?

JÉSSICA, sempre na frente de Hugo.

Ele... ele diz que não quer mais servir de secretário se o senhor não o escutar. Nem um nem outro têm sono e vocês têm a noite toda e... e tocaram a morte, isso faz as pessoas mais conciliadoras.

HUGO

Deixa pra lá, estou dizendo.

JÉSSICA

Hugo, você me prometeu! (A Hoederer.) Ele diz que o senhor é um social-traidor.

HOEDERER

Um social-traidor! Nada mais que isso!

JÉSSICA

Objetivamente. Ele disse: objetivamente.

HOEDERER, mudando de tom e de expressão.

Tudo bem. Então, meu rapaz, me diga o que está no seu coração, já que não dá para impedi-lo. Preciso resolver esse negócio antes de ir me deitar. Por que sou um traidor?

HUGO

Porque não tem o direito de arrastar o Partido em suas armações.

HOEDERER

Por que não?

HUGO

É uma organização revolucionária e o senhor vai fazer dele um partido de governo.

HOEDERER

Os partidos revolucionários são feitos para tomar o poder.

HUGO

Para tomá-lo. Sim. Para dele se apoderar pelas armas. Não para comprá-lo numa tramóia.

HOEDERER

É a falta de sangue que você lamenta? Eu não estou nem aí para isso, mas você devia saber que não podemos nos impor pela força. Em caso de guerra civil, o Pentágono tem as armas e os chefes militares. Ele serviria de quadro às tropas contrarrevolucionárias.

HUGO

Quem falou de guerra civil? Hoederer, não o compreendo; bastaria um pouco de paciência. O senhor mesmo disse: o Exército vermelho expulsará o Regente e teremos o poder só para nós.

HOEDERER

E como faremos para mantê-lo? (Um tempo.) Quando o Exército vermelho tiver atravessado nossas fronteiras, eu te garanto que haverá momentos duros a passar.

HUGO

O Exército vermelho...

HOEDERER

Sim, sim. Eu sei. Eu também espero. E com impaciência. Mas é preciso que você diga a si mesmo: todos os exércitos em guerra, libertadores ou não, são

semelhantes; eles vivem num país ocupado. Nossos camponeses detestarão os russos, é fatal, como você quer que eles gostem de nós, nós que fomos impostos pelos russos? Nos chamarão de partido do estrangeiro ou talvez pior. O Pentágono entrará na clandestinidade; não precisará nem mesmo mudar os bordões.

HUGO

O Pentágono, eu...

HOEDERER

E depois, há outra coisa: o país está arruinado; pode ser até que sirva de campo de batalha. Seja qual for o governo que suceder o do Regente, deverá tomar medidas terríveis que o tornarão odiado. No dia seguinte à partida do Exército vermelho, seremos varridos por uma insurreição.

HUGO

Uma insurreição se domina. Estabeleceremos uma ordem de ferro.

HOEDERER

Uma ordem de ferro? Com quem? Mesmo após a Revolução o proletariado continuará sendo o lado mais fraco e por muito tempo. Uma ordem de ferro? Com um partido burguês que fará sabotagem e uma população camponesa que queimará suas colheitas para nos esfomear?

HUGO

E daí? O Partido bolchevique passou por isso em 17.

HOEDERER

Ele não era imposto pelo estrangeiro. Agora escute, meu filho, e busque compreender; nós tomaremos o poder com os liberais de Karsky e os conservadores do Regente. Chega de história, chega de caso: é a União nacional. Ninguém poderá nos acusar de termos sido instalados pelo estrangeiro. Eu pedi a metade das cadeiras do Comitê de Resistência, mas não farei a tolice de pedir a metade das pastas. Uma minoria é o que devemos ser. Uma minoria que deixará aos outros partidos a responsabilidade das medidas impopulares e que ganhará a população fazendo

oposição no interior do governo. Eles estão acuados: em dois anos você verá a falência da política liberal e o país inteiro é que nos pedirá para fazer nossa experiência.

HUGO

E nesse momento o partido estará destruído.

HOEDERER

Destruído? Por quê?

HUGO

O Partido tem um programa: a realização de uma economia socialista, e um meio: a utilização da luta de classes. O senhor vai se servir dele para fazer uma política de colaboração de classes no quadro de uma economia capitalista. Durante anos vai mentir, ludibriar, fazer rodeios, irá de compromisso em compromisso; defenderá diante dos nossos camaradas medidas reacionárias tomadas por um governo de que fará parte. Ninguém compreenderá; os duros nos deixarão, os outros perderão a cultura política que acabam de adquirir. Nós seremos contaminados, debilitados, desorientados; nos tornaremos reformistas e nacionalistas; para terminar, os partidos burgueses não terão nem o trabalho de nos liquidar. Hoederer! Esse Partido é o seu, o senhor não deve ter esquecido o trabalho que teve para formá-lo, os sacrifícios que foi necessário pedir, a disciplina que foi necessário impor. Eu imploro ao senhor: não o sacrifique com suas próprias mãos.

HOEDERER

Que tagarelice! Se você não quer correr riscos não deve fazer política.

HUGO

Esses riscos aí não quero correr.

HOEDERER

Ótimo; então como manter o poder?

HUGO

Por que tomá-lo?

HOEDERER

Você está louco? Um exército socialista vai ocupar o país e você o deixaria partir sem aproveitar a ajuda dele? É uma oportunidade que não se repetirá nunca mais: estou te dizendo que não somos fortes o suficiente para fazer a Revolução sozinhos.

HUGO

Não se deve poder tomar o poder a esse preço.

HOEDERER

Que é que você quer fazer do Partido? Um jôquei-clube? Para que serve afiar uma faca todos os dias se nunca a usamos para cortar? Um partido sempre é apenas um meio. Há apenas um único objetivo: o poder.

HUGO

Há apenas um único objetivo: fazer nossas ideias triunfarem, todas as nossas ideias e nada mais que elas.

HOEDERER

É verdade: você tem ideias. Isso passará.

HUGO

O senhor acha que sou o único a ter ideias? Não foi pelas ideias que morreram os companheiros que se fizeram matar pela polícia do Regente? O senhor não acha que nós os trairíamos se fizéssemos o Partido servir para livrar a barra dos assassinos deles?

HOEDERER

Eu estou me lixando para os mortos. Eles estão mortos para o Partido e o Partido pode decidir o que quiser. Faça uma política de vivo, para os vivos.

HUGO

E acha que os vivos aceitarão as suas armações?

HOEDERER

Nós os faremos digerir tudo lentamente.

HUGO

Mentindo a eles?

HOEDERER

Mentindo a eles às vezes.

HUGO

O senhor... o senhor tem a aparência tão verdadeira, tão sólida! Não é possível que aceite mentir aos camaradas.

HOEDERER

Por quê? Estamos em guerra, e não se costuma pôr o soldado de hora em hora a par das operações.

Hoederer, eu... sei melhor que o senhor o que é a mentira; na casa do meu pai todo mundo mentia entre si, todo mundo mentia para mim. Só passei a respirar desde que entrei no Partido. Pela primeira vez vi homens que não mentiam aos outros homens. Cada um podia confiar em todos e todos em cada um, o militante mais humilde sentia que as ordens dos dirigentes lhe revelavam a vontade profunda dele, e se havia o pior, a gente sabia por que e aceitava morrer. O senhor não vai...

HOEDERER

Mas do que você está falando?

HUGO

Do nosso Partido.

HOEDERER

Do nosso Partido? Mas nele sempre se mentiu um pouco. Como em toda parte, aliás. E você, Hugo, você tem certeza de que nunca te mentiram, que você nunca mentiu, que não está mentido neste minuto mesmo?

HUGO

Nunca menti aos camaradas. Eu... Para que serve lutar pela libertação dos homens, se os desprezamos o suficiente para passar a perna neles?

HOEDERER

Mentirei quando for necessário e não desprezo ninguém. Não fui eu quem inventou a mentira; ela nasceu numa sociedade dividida em classes e cada um de nós a herdou ao nascer. Não é nos recusando a mentir que aboliremos a mentira; é usando todos os meios para suprimir as classes.

HUGO

Nem todos os meios são bons.

HOEDERER

Todos os meios são bons quando são eficazes.

HUGO

Então, com que direito o senhor condena a política do Regente? Ele declarou guerra a U.R.S.S. porque era o meio mais eficaz de salvaguardar a independência nacional.

HOEDERER

Você pensa que eu a condeno? Ele fez o que qualquer sujeito da casta dele teria feito em seu lugar. Nós não lutamos nem contra homens nem contra uma política, mas contra a classe que produz essa política e esses homens.

HUGO

E o melhor meio que encontrou para lutar contra ela foi lhe oferecer partilhar o poder com o senhor?

HOEDERER

Exatamente. Hoje, é o melhor meio. (Um tempo.) Como você se apega a sua pureza, meu rapaz! Como você tem medo de sujar as mãos. Vai, continue puro! De que servirá e por que você se juntou a nós? A pureza é uma ideia de faquir e de monge. Vocês, os intelectuais, os anarquistas burgueses, a usam como pretexto para não fazer nada. Não fazer nada, ficar imóvel, cruzar os braços, pôr luvas. Eu tenho as mãos sujas. Até os cotovelos. Eu as tenho enfiadas na merda e no sangue. E daí? Você pensa que dá para governar inocentemente?

HUGO

Talvez um dia descubram que eu não tenho medo do sangue.

HOEDERER

Lógico; luvas vermelhas são elegantes. É o resto que te causa medo. É o que fede para o teu narizinho de aristocrata.

HUGO

Voltamos ao mesmo ponto: sou aristocrata, um cara que nunca passou fome! Para desgraça do senhor, não sou o único que tem essa opinião.

HOEDERER

Não é o único? Você sabia então algo das minhas negociações antes de vir para cá?

HUGO

N-não. Falavam por cima no Partido e a maioria dos caras não estava de acordo e posso jurar ao senhor que não eram aristocratas.

HOEDERER

Meu filho, há um mal-entendido: eu conheço as pessoas do Partido que não concordam com minha política e posso te dizer que são da minha espécie, não da sua — e você não tardará a descobrir isso. Se desaprovaram essas negociações é muito simplesmente porque as julgaram inoportunas; noutras circunstâncias seriam os primeiros a se empenharem nelas. Já você faz disso uma questão de princípios.

HUGO

Quem falou de princípios?

HOEDERER

Você não faz disso uma questão de princípios? Bom. Então eis o que deve te convencer: se tratamos com o Regente, ele para a guerra; as tropas ilíricas esperam gentilmente que os russos venham desarmá-las; se rompemos as negociações, ele sabe que está perdido e vai combater, como um cão raivoso; isso custará a vida de centenas de milhares de homens. O que você diz disso? (Um silêncio.) Hem? O que você diz disso? Você pode riscar cem mil homens com uma canetada?

HUGO, com dificuldade.

Não se faz a Revolução com flores. Se eles devem tombar...

HOEDERER

E então?

HUGO

E então, que assim seja!

HOEDERER

Veja só! veja só! Você não ama os homens (?), Hugo. Você ama apenas os princípios.

HUGO

Os homens(?)? Por que eu os amaria? Por acaso eles me amam?

HOEDERER

Então por que você veio até nós? Quando não se ama os homens não se pode lutar por eles.

HUGO

Entrei para o Partido porque sua causa é justa e sairei dele quando ela deixar de ser. Quanto aos homens, não é o que eles são que me interessa, mas o que poderão vir a ser.

HOEDERER

Já eu, eu os amo pelo que eles são. Com todas as suas canalhices e todos os seus vícios. Eu amo as vozes deles, as suas mãos quentes que pegam as coisas, os seus corpos, o mais nu de todos os corpos, e o olhar inquieto deles e a luta desesperada que cada um trava contra a morte e a angústia. Para mim, faz diferença um homem a mais ou a menos no mundo. É precioso. Já você, eu te conheço bem, garoto, você é um destruidor. Você detesta os homens porque você detesta a si mesmo; sua pureza se assemelha à morte e a Revolução com que você sonha não é a nossa; você não quer mudar o mundo, você quer mandá-lo pelos ares.

HUGO, levantou-se.

Hoederer!

HOEDERER

Não é culpa sua; vocês são todos parecidos. Um intelectual não é um verdadeiro revolucionário; só é bom para fazer um assassino.

HUGO

Um assassino. Sim!

JÉSSICA

Hugo!

Ela põe-se entre eles. Barulho de chave na fechadura. A porta se abre. Entram Jorge e Slick.

CENA IV

OS MESMOS, SLICK e JORGE

JORGE

Você está aqui. A gente estava te procurando por toda parte.

HUGO

Quem lhes deu a chave?

SLICK

Temos chaves de todas as portas. Lembre-se: guarda-costas!

JORGE, a Hoederer.

Você nos deu um susto. O Slick acorda e nem sinal. Você devia avisar quando vai dar uma voltinha.

HOEDERER

Vocês estavam dormindo...

SLICK, aturdido.

E daí? Desde quando você nos deixa dormir se tem vontade de nos acordar?

HOEDERER, rindo.

De fato, que bicho me mordeu? (Um tempo.) Vou voltar com vocês. Até amanhã, garoto. Às nove horas. Falaremos de novo sobre tudo isso. (Hugo não responde.) Tchau, Jéssica.

JÉSSICA

Até amanhã, Hoederer.

Eles saem.

CENA V

JÉSSICA, HUGO

Um longo silêncio.

JÉSSICA

E então?

HUGO

Bem, você estava aí e ouviu.

JÉSSICA

Que é que você pensa?

HUGO

Que quer que eu pense? Bem que eu tinha dito para você que ele era esperto.

JÉSSICA

Hugo! Ele tinha razão.

HUGO

Minha pobre Jéssica! O que você pode saber disso?

JÉSSICA

E você, o que você sabe disso? Você não foi muito longe diante dele.

HUGO

Lógico! Comigo, ele bota banca. Queria ver se tivesse que tratar com o Luís; ele não se sairia bem com tanta facilidade.

JÉSSICA

Talvez ele o colocasse no bolso.

HUGO

Ha! O Luís? Você não o conhece; o Luís não se deixa enganar.

JÉSSICA

Por quê?

HUGO

Porque sim. Porque é o Luís.

JÉSSICA

Hugo! Você vai contra o seu coração. Eu te vi enquanto você discutia com o Hoederer; ele te convenceu.

HUGO

Ele não me convenceu. Ninguém pode me convencer de que se deve mentir aos camaradas. Mas se ele tivesse me convencido, seria uma razão a mais para matá-lo porque seria a prova de que ele convenceria outros. Amanhã de amanhã, terminarei o trabalho.

Cortina.